

---

## Uma contribuição à história do jornalismo econômico em Portugal<sup>1</sup>

Larissa Morais, Universidade Federal Fluminense<sup>2</sup>

### RESUMO

**Resumo:** Este artigo reúne informações sobre a consolidação da imprensa econômica em Portugal, no fim dos anos 1980, a partir da desestatização de jornais que haviam sido adquiridos pelo Estado português após a Revolução dos Cravos (1974). O material foi levantado em entrevistas em profundidade com jornalistas econômicos de Portugal que iniciaram a carreira entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990 e acumularam vasta experiência profissional desde então. Eles foram ouvidos em entrevistas no contexto de uma pesquisa mais abrangente que tem por objetivo comparar o jornalismo econômico do Brasil e o de Portugal, de modo a entender a influência da ideologia neoliberal e do capital financeiro, nas rotinas produtivas e nas próprias notícias.

### PALAVRAS-CHAVE

história da imprensa; jornalismo econômico; Portugal

### Introdução

A temática econômica já está presente nos primeiros jornais portugueses, no século XVII. Considerada por autores como José Manuel Tengarrinha (1989) e Jorge Pedro Sousa (2018) como o primeiro jornal periódico de Portugal, a Gazeta da Restauração (1641-1642) publicava notícias sobre as finanças da corte, comércio, o movimento das frotas coloniais e a constituição das companhias de comércio e manufaturas (Sousa, 2018). A economia europeia era movida pela atividade mercantil, e a elite letrada que consumia os jornais da época tinha interesse em conhecer os principais acontecimentos e resoluções em torno do assunto.

Ao analisar esse periódico mensal, Sousa (2028) constata, contudo, que o espaço para as notícias econômicas era bastante restrito. Mais precisamente, 2% do espaço editorial. Os assuntos mais frequentes, segundo classificação do pesquisador, eram Guerra e Assuntos Militares (47%) e Sociedade e Cultura (23%).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Associada do curso de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), em pós-doc na Universidade do Minho (UMinho). larissamorais@id.uff.br

---

De acordo com Christiana Martins (apud Marín, 2015), entre 1749 e 1807 surgiram em Portugal os primeiros jornais de teor econômico: *Com Privilegio Real* (Lisboa, 1778 a 1897), *o Correio Mercantil e Económico de Portugal* (Lisboa, 1790 a 1810) e o *Preços Correntes na Praça de Lisboa* (Lisboa, 1807). Esse último era similar a publicações que, dois séculos antes, ficaram conhecidos como “preços correntes”, por publicarem os valores de mais de 200 produtos comercializados na época, em cidades portuárias da Holanda e da Inglaterra.

A existência dos primeiros jornais econômicos estaria ligada à grande movimentação comercial do período, especialmente com o Brasil (Tengarrinha, 1989). Depois vieram *Jornal do Commercio*, em 1858, e uma publicação chamada *O Economista*, entre 1881 a 1895 (Martins apud Marín, 2015).

Tengarrinha (1989) observa que, depois dos jornais políticos e noticiosos do século XVII, surgem em número cada vez maior, em Portugal, jornais especializados em apenas um tema. Dos que ele contabilizou entre 1749 e 1807, aparecem 11 jornais literários e musicais, 7 científicos, 6 históricos, 3 comerciais, 2 de agricultura e 1 feminino.

Contudo, é só com a volta da democracia após os anos de salazarismo que Portugal vê realmente despontar o segmento econômico, no jornalismo. Mesquita (2004) lembra que foi nessa época que Portugal desestatizou veículos que haviam sido incorporados pelo Estado após a Revolução dos Cravos, em 1974. O pesquisador separa a história do jornalismo em Portugal, depois da revolução, em três fases: Ideologias (1974-1975), logo após a revolução; Instituições (1976-1987), marcada pela subordinação dos meios ao Estado; e Mercado (1987-1995), que se dá com a abertura. É dessa última que tratamos com nossos entrevistados. Foi um momento em que o mercado jornalístico se expandiu e diversificou em diversas áreas, notadamente a econômica. Outro fator apontado pelos entrevistados foi a entrada de Portugal na União europeia, em 1986. Os jornais consideraram que era importante ajudar a sociedade a entender as mudanças que viriam com essa nova realidade.

Este artigo trata desse momento crucial para o jornalismo econômico português, quando foram fundados o *Semanário Econômico* (1987-2009) e o *Diário Econômico* (1989-2010<sup>3</sup>). Embora nenhum dos dois exista mais, há um consenso, entre jornalistas,

---

<sup>3</sup> Depois do encerramento em 2010, em 2016 foi publicada mais uma edição de papel. O ano de 2016 foi também o que marcou o fim do jornal na internet.

---

de que viveram a fase de criação desses veículos que eles abriram espaço para a expansão da imprensa econômica e inauguração dos jornais especializados que hoje operam<sup>4</sup>. O *Semanário Econômico* pertenceu ao grupo Proifec e depois foi vendido para o grupo Recoletos, que é controlado pelo Mediagroup. Já o *Diário Econômico* existiu de 1987 até 2009, e era controlado pela empresa S.T. & S.F. Sociedade de Publicações.

Reunimos memórias de quatro jornalistas que entraram na profissão nessa época, e nesses jornais econômicos, e que acumulam vasta experiência profissional como repórteres, editores ou executivos, em veículos de médio e grande porte da imprensa de Portugal. Eles foram ouvidos em entrevistas no contexto de uma pesquisa mais abrangente que tem por objetivo comparar o jornalismo econômico do Brasil e o de Portugal, de modo a entender a influência da ideologia neoliberal e do capital financeiro nas rotinas produtivas e nas próprias notícias. É o que Paula Puliti (2009, 2013) chamou de financeirização do noticiário econômico.

## **Metodologia**

Como a necessária etapa de pesquisa bibliográfica sobre a história da imprensa em Portugal trouxe poucos dados sobre o segmento econômico, decidimos apresentar aqui a parte das entrevistas que registrava as memórias de repórteres que viveram esse período pujante do jornalismo português.

No início da pesquisa, realizamos algumas entrevistas contextuais com a função de colher dados preliminares e de contexto sobre o universo do jornalismo em Portugal, especialmente no segmento econômico. Numa nova etapa, realizamos entrevistas em profundidade (Duarte; Barros, 2015) com seis jornalistas econômicos que trabalham em jornais generalistas, jornais especializados em economia e agências de notícias. Entre eles, quatro acumulam 30 anos ou mais de experiência e compartilharam suas lembranças do momento em que os primeiros jornais econômicos de Portugal anunciaram que contratariam jovens interessados em se tornarem repórteres. Os nomes dos entrevistados e entrevistadas são mantidos em sigilo, por decisão prévia às conversas. Eles serão denominados por meio de números, escolhidos pela ordem em que foram ouvidos. No processo de estruturação do trabalho, ficou claro que seria mais fácil colher impressões

---

<sup>4</sup> Estamos falando do Jornal de Negócios, fundado em 1998, o Jornal Econômico, de 2026, e o Eco (Economia Online), somente na internet.

---

francas sobre a profissão e as influências que recaem sobre o noticiário econômico se os entrevistados não se sentissem expostos.

Os dados verificáveis foram checados e os memorialísticos, fluidos por natureza (Bergson, 1929), são acolhidos não por conter um valor de verdade, mas por serem relevantes para o esforço de compreensão do significado do exercício do jornalismo, numa época crucial de sua história.

## **Resultados**

Sobre o perfil das pessoas entrevistadas – todas com idade acima de 50 anos – cabe ressaltar que apenas uma se graduou em Comunicação Social. Do restante do grupo, um fez História, outro Economia e a última fazia Direito quando começou a estagiar, mas não chegou a concluir o curso. Aqui cabe explicar que, em Portugal, para ser jornalista é imprescindível fazer um estágio em veículo de imprensa. Eles consideram que é o estágio, com duração de 12 a 18 meses, que forma o profissional. Diferentemente do que ocorre no Brasil, se um profissional se forma em Comunicação, com habilitação em Jornalismo, ou em Jornalismo, mas não faz o estágio, não é considerado jornalista. E mais: se ele deixa de trabalhar em jornal e vai para uma assessoria de imprensa, perde a carteira que o habilita a exercer a profissão de jornalista.

O que nossos entrevistados viveram no início de suas vidas profissionais foi a oportunidade de entrar numa atividade que eles admiravam. Uns já gostavam da área econômica, como o entrevistado que havia estudado Economia, e outros teriam escolhido outras áreas, mas aceitaram a oportunidade que apareceu. O Jornalista 4 disse que, como quase todos os demais do grupo, queria escrever sobre Cultura, mas aceitou a sugestão dos recrutadores para ir para a Economia. Houve ainda quem, quando viu o anúncio, não tinha sequer pensado em se tornar jornalista até aquele momento, caso da ex-estudante de Direito.

Nos depoimentos, colhemos muitas impressões de satisfação e surpresa com a chance que apareceu, tais como: “Ser jornalista? Pá, gosto disso”, do Jornalista 1, ou “voltar para o Direito não fazia sentido”, da jornalista 2. Ou ainda “fui um dos 25 estudantes de até 25 anos selecionados para trabalhar no Público”, disse, em tom orgulhoso o Jornalista 4.

Ainda sobre a formação, a Jornalista 2 disse que não sentiu necessidade de estudar Comunicação ou Jornalismo, porque já conhecida muito bem a profissão quando concluiu

---

seu período de estágio. Ser advogada, por outro lado, já não fazia sentido. Quando perguntei para a Jornalista 3 como ela foi para o jornalismo econômico, a resposta foi bem franca: “Era onde havia vagas, quando comecei, não houve uma escolha prévia”.

Agência Reuters também fez contratações no período, só que em escala bem menor. Mais de 30 anos depois, um dos profissionais selecionados, o Jornalista 1, considera que a entrada de Portugal na zona do Euro ajudou a expandir esse novo espaço profissional. Ele contou que houve uma grande busca por informações de qualidade, e que não foram só os jornais que reforçaram suas equipes. Os telespectadores dos jornais televisivos também passaram a ver novos comentaristas de Economia. Para esse repórter, os períodos de novidades econômicas, mas também de crise, valorizam o trabalho do jornalista especializado. Por isso a chamada crise da Troika<sup>5</sup>, que Portugal atravessou em 2008, gerou novas contratações.

Todos os entrevistados deram a entender, em algum momento da entrevista, que se sentiam privilegiados de ter começado na profissão entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. Embora os jornais generalistas e as agências de notícias já tivessem repórteres cobrindo economia, na época, o fato de terem começado num momento relevante para a atividade, faz com que se sintam pioneiros do jornalismo econômico no país.

### **Considerações finais**

Este resumo expandido apresenta dados e impressões de uma geração que consolidou o segmento do jornalismo econômico em Portugal, entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990. Eles partilharam memórias sobre o próprio ingresso na profissão e pontos de vista sobre a atividade no passado e hoje. Essa segunda parte será incluída no trabalho completo.

### **REFERÊNCIAS**

BERGSON, Henri. **Matter and Memory**. London: George Unwin Ltd./New York: The MacMillan Company, 1929 [1908].

---

<sup>5</sup> A crise financeira em Portugal, que teve seu auge de 2010 a 2014, foi originada na crise financeira global de 2008. Durante o período, a desigualdade social aumentou e houve corte de serviços básicos e salários do funcionalismo, e o governo decidiu usar recursos públicos para salvar empresas.

---

DUARTE, Jorge; BARROS. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. (Orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARÍN, Ezequiel Hortelano. As relações comerciais entre Portugal e Ibero-América através da imprensa económica caso do Jornal de Negócios. Dissertação (mestrado em Comunicação). Universidade do Porto, 2015.

MESQUITA, Mário. **25 de abril**. A transformação dos media. Lisboa: Tinta da China, 2024.

PULITI, Paula. A Financeirização do Noticiário Económico (1989-2002). 150f. Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PULITI, Paula. **O juro da notícia**. Jornalismo económico pautado pelo capital financeiro. Florianópolis: Insular, 2013.

SOUSA, Jorge. **Gazeta “da Restauração”** (1641-1642) – A introdução ao periodismo noticioso em Portugal. In: Notícias em Portugal. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/66079/1/ICNOVA\\_NoticiasPortugal\\_Gazeta\\_da\\_Restauracao.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/66079/1/ICNOVA_NoticiasPortugal_Gazeta_da_Restauracao.pdf). Acesso em 13 jun. 2024.

Tengarrinha, José Manuel. **História da imprensa periódica portuguesa**. 2.ª edição. Lisboa: Caminho, 1989.